

26 de maio de 2015

Olá, querido diário!

Hoje estou muito triste. Embora tenha sido por uma razão compreensível, tive de dar o Floquito, o meu gato. Sempre gostei muito dele e sempre irei gostar, é o gato mais lindo que vi até hoje. Muito grande, olhos azuis como a água do mar, branco como a neve e com uma cauda muito grande e muito fofinha, parecendo algodão.

Tive de dar o Floquito, pois o meu sobrinho, que em breve irá nascer, como é óbvio, não pode estar ao pé de animais porque poderia ficar doente.

Custou-me muito, pois sempre vi naquele gato um irmão, um amigo e, sobretudo, um protetor. Era ele que, quando me sentia mais triste, me vinha acalmar e dar carinho. Com o seu miar ternurento, saltava para o meu colo com as suas patinhas de veludo. Impressionante como do dia para a noite o meu tudo se tornou no meu nada. Nada, pois é isso que sinto no meu coração, um aperto muito grande e uma saudade tão forte que só me apetece ir buscá-lo, nem que vá até ao fim do mundo.

Eu passeava muito com ele e as pessoas achavam estranho andar pelo meio das ruas com um gato. Sempre que entrava em algum lado, ele sentava-se à espera que eu voltasse. Corríamos, corríamos e acabávamos os dois sempre no mesmo, deitados, cansados, mas felizes.

Até um dia, meu caro confidente.

Gonçalo Magoito
8.ºC
2014/2015